MORDIDAS NA ESCOLA

VAMPIRO ZOMBIE

DO ROTEIRISTA DE

BOB ESPONJA

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

STEVEN BANKS

ILUSTRADO POR

MARK FEARING

MILK SHAKESPEARE

Steven Banks

Ilustração: Mark Fearing

Para o meu irmão, Alan, que sabe que tanto os monstros quanto o ensino fundamental podem ser assustadores *e* divertidos.

Você não vai acreditar que isso aconteceu.
No seu lugar, eu também não acreditaria.
Acharia que era mentira ou que você pirou de vez.
Mas isso tudo *realmente* aconteceu.
Eu juro.
Apenas olhe pra mim.
Tá vendo?

1.

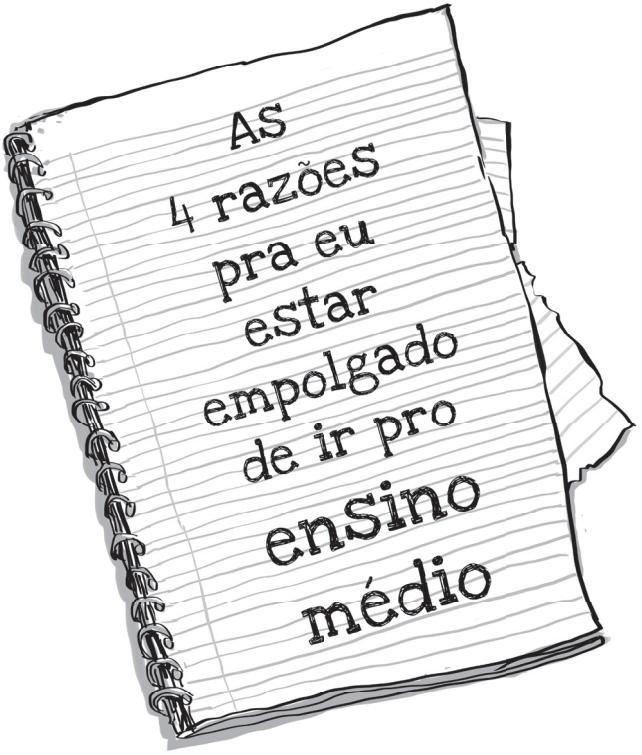
Começos horríveis

A primeira mordida que levei foi às 2h54 da madrugada, quando eu dormia na minha cama.

A segunda veio três horas depois, durante a minha corrida por uma estrada escura na floresta.

E a terceira, naquela tarde, em um *trailer* velho e abandonado de circo.

Tudo aconteceu no segundo pior momento do ano — o último dia das férias de verão. Na sequência, eu iria começar o ensino médio. Havia quatro razões para eu estar empolgado e quatro razões para não estar.



1) Eu não serei mais uma criança esquelética do ensino fundamental.
2) Tanner Gantt não estará lá. Ele é um cara que me sacaneava o tempo todo na escola. É grandão e empurra as crianças, inventa apelidos ridículos e zoa com elas. O Tanner finge derramar sem querer a sua bebida na gente e depois diz: "Aahh, me descuuuuulpaaaa!" Ele também joga comida nos outros e enfia os garotos em latas de lixo. Ninguém tem coragem de enfrentá-lo porque ele provavelmente nos mataria.

Mas agora eu não precisava mais me preocupar com o Tanner. O meu melhor amigo, Zeke Zimmerman, me ligou duas semanas antes do início das aulas.

— Tom! — ele gritou ao telefone, todo animado. — O Tanner Gantt *não* vai pra mesma escola que a gente! Ele vai se mudar!

Essa foi a melhor notícia de todas. Mas tenho que confessar que senti pena das crianças da outra escola.

3) Eu terei o meu próprio armário. Poderei guardar todo o meu lixo escolar, colocar fotos legais e estocar comida de emergência. E será possível manter coisas secretas lá, também. Ainda não tenho nada secreto, mas quem sabe um dia?

O que me preocupava um pouco era esquecer a minha combinação do armário.

A minha irmã, Emma, que tinha dezesseis anos e era a segunda pessoa de quem eu menos gostava no mundo (o Tanner Gantt era a número 1), me disse: "Se você esquecer

a sua combinação, terá que pagar cem pilas ao zelador mal-humorado pra abrir o seu armário... e o diretor vai anunciar pra toda a escola que você esqueceu."

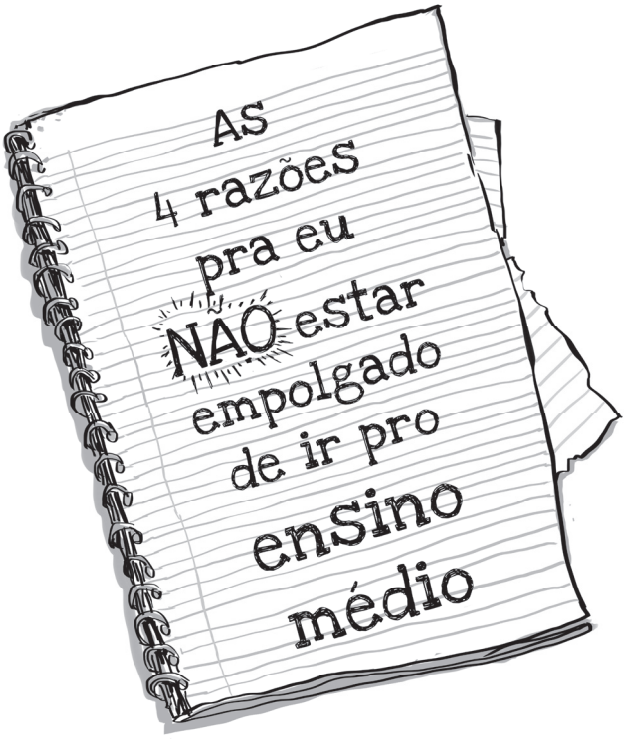
Me imaginei sentado na sala de aula e ouvindo pelo alto-falante: *"Atenção, alunos e professores, aqui é o diretor! O Tom Marks esqueceu a sua combinação do armário. Não deixem de rir e apontar para ele o dia todo. Obrigado."*

Decidi escrever a combinação na sola do meu tênis, pra caso eu esqueça. Descobri depois que era mentira da Emma. Ela faz isso o tempo TODO.

4) A Annie Barstow está indo para a mesma escola. Assim como eu, ela tem onze anos. É inteligente e engraçada, e eu gosto muito do cabelo dela. Queria que, um dia, a Annie fosse minha namorada, mas estava esperando chegarmos ao último ano para conversar sobre isso com ela. Até lá, seríamos apenas amigos. Eu chamei isso de *Plano para Namorar*. Acho uma boa ideia fazer planos.

Se a Annie concordasse em ser minha namorada, então, após a formatura no ensino médio, iríamos para a faculdade juntos, depois nos casaríamos e ficaríamos muito, muito ricos e moraríamos na nossa própria ilha particular. Eu ainda não fazia ideia de como iríamos enriquecer. Estava contando com a Annie para descobrir isso, porque ela é muito inteligente.

Ainda não falei pra Annie sobre o *Plano para Namorar*.



1) Eles passam MUITA lição de casa.

No ano passado, a Emma me avisou:

— Os livros do ensino médio pesam nove quilos cada. Algumas crianças recebem tanto dever de casa que machucam as costas por carregá-los de lá para cá.

— Não é possível, Emma — respondi. — Você está mentindo.

Então ela apontou da janela para um garoto andando pela calçada. Ele usava um aparelho para as costas.

— Ali está um exemplo. — A Emma sorriu.

Mais tarde descobri que ela estava mesmo mentindo.

A Emma é uma peste.

2) Terei de encontrar as minhas sete salas diferentes e chegar a elas a tempo, antes que a campainha toque.

— Certa vez, uma criança se perdeu tentando achar a sua sala de aula — a Emma me contou —, e ela nunca mais foi vista.

Ela é *muito* mentirosa.

3) Pode ser que haja alguns valentões que sejam ainda piores que o Tanner Gantt.

— Ah, com certeza haverá — a Emma garantiu, toda sorridente.

4) Lá, somos forçados a dar quatro voltas — um quilômetro e meio — em educação física, na Maior Pista de Corrida do Mundo. Odeio correr.

Eu sabia que o ensino médio não seria fácil, mas estava preparado porque tinha um plano: o *Plano do Tom*

Invisível, como decidi chamá-lo. Eu seria discreto, ficaria na minha, sem ser notado. Dessa forma, não seria intimidado nem ganharia um apelido idiota por fazer algo estúpido e embaraçoso.

Uma vez, um menino da minha escola fez um relatório sobre cachorros-quentes que leu pra nós em sala de aula. Muito nervoso, ele ficava dizendo "quente cachorro" em vez de "cachorro-quente". A partir de então, todo o mundo passou a chamá-lo de Quente Cachorro.

Um pequeno erro, e toda a sua vida muda.

Toda a minha vida mudou na véspera do início do ensino médio.

2.

A primeira mordida

Sempre vou à casa da minha avó no último final de semana antes das aulas começarem. Ela mora na floresta, a umas três horas de distância de onde moro.

A vó é bem idosa, mas não age como uma velhinha. Ela anda de bicicleta, faz caminhadas e pratica ioga. Tem uma longa cabeleira grisalha e sempre usa jeans, camisas coloridas, óculos com aros modernos e colares malucos. Eu acho que ela devia ser hippie.

A minha avó tem muitos discos de vinil, e costuma ouvi-los bem alto e cantando junto.

— É porque ela está ficando surda — o meu pai diz. Mas a vó explica:

— Se não for pra ouvir *rock and roll* bem alto, pra que tocar?

No meu último dia na casa da vó, na véspera do início das aulas, programei o meu alarme para as seis da manhã. Eu tinha decidido acordar cedo e correr para ficar em forma, para poder fazer aquelas quatro voltas idiotas da educação física. É como se os caras quisessem que você fosse para as Olimpíadas. Eu não quero ir para as Olimpíadas.

Mas também não quero ser o perdedor — o panaca que chega por último, arfando, bufando e parecendo que vai desmaiar. Então, estava acordando cedo para correr. Esse era o meu segundo dia. Claro que eu deveria ter começado cerca de duas semanas atrás, mas *odeio* correr e acordar cedo.

E como eu corria ainda antes do sol nascer, não estava quente. Eu não queria ficar todo suado e nojento. Quem gosta de ficar todo suado e nojento? Só aquelas pessoas que querem estar nas Olimpíadas.

Naquela manhã, desliguei o alarme e olhei pela janela aberta. Eu podia ver a lua através das árvores. Era crescente, cerca de três quartos de cheia. Foi quando senti algo estranho no pescoço, como uma mordida. Lembrei de ter sentido algo no pescoço no meio da noite, afastado o que quer que fosse e voltado a dormir. Eu *sempre* sou mordido e picado na casa da vó. Até fiz uma lista que deixo pregada na geladeira dela.

É como se o primeiro inseto que me vê chegando à casa da vó contasse para os outros que eu cheguei:

— Ei, pessoal! O Tom chegou!

— Eu adoro morder esse moleque!

— Eu também. Mordi o bocó cinco vezes no ano passado!

— É mesmo? E eu o piquei dez vezes!

— Picou nada!

— Piquei sim!

— Você é uma abelha! Se tivesse picado quem quer que fosse uma única vez, teria morrido!

— Bom... hã... eu... *queria* picar o garoto dez vezes.

— Que tal um concurso pra ver quantas vezes conseguimos morder e picar o Tom!

— Que ideia incrível!

— Atacar!

COISAS que já morderam ou picaram o Tom Marks:

Pulgas
Pernilongos
Abelha
Vespa
Borrachudos
Carrapato

Sei que não acontece desse jeito, mas é como eu sinto que é.

Cheguei a achar que a mordida no meu pescoço fosse de uma aranha, mas depois descobri que era de algo um milhão de vezes pior.

° ° °

Calcei o meu tênis de corrida, vesti calça de moletom e camiseta. Eu estava meio cansado, porque a vó e eu ficamos acordados até tarde assistindo a um filme.

Depois que jantamos pizza caseira e refrigerante, ela se inclinou sobre a mesa e sussurrou:

— Quer ver um filme de terror?

A vó *adora* filmes de terror.

Aquele que vimos era bem antigo e preto e branco. Eu pensei que seria chato, mas na verdade era bem assustador... e engraçado também. Tinha Frankenstein, Drácula e o Lobisomem perseguindo dois caras chamados Abbott e Costello. Tenho que admitir, posso ter fechado os olhos algumas vezes. Espero que o vó não tenha me visto fazer isso. Mas eu sabia que, mesmo que ela visse, não contaria a ninguém.

o o o

Quando desci a escada, a vó estava na cozinha fazendo o café. Ela acorda cedo todos os dias, mesmo não precisando.

— Bom dia, Tommy! Pronto pra ir correr?

Ela é a única pessoa que eu ainda deixo me chamar de Tommy. Todas as outras pessoas me chamam de Tom (exceto o Tanner Gantt, que me chama de Tommy Ferrando, mas ele não conta).

Mostrei meu pescoço pra ela.

— É mordida de aranha, vó?

— Me deixa dar uma olhada. — Ela examinou o meu pescoço. — Não estou vendo nada... opa! Tem dois pontinhos vermelhos bem pequenos. Seu sangue deve ser bem doce, algo te mordeu duas vezes.

Ela foi até a lista na geladeira e anotou "aranha".

• • •

Saí pela porta dos fundos e segui um caminho até a estrada. Leva mais tempo, mas eu não queria passar pelo Stuart.

O Stuart é o cão gigantesco do vizinho da vó, que está sempre amarrado no jardim da frente com uma corda. Ele é um husky siberiano, com pelo cinza e branco, então parece um lobo.

"Stuart" é o pior, mais idiota e mais ridículo nome para aquele cachorro. Ele devia se chamar Brutus, Matador ou Max.

Ele sempre late pra mim quando passo.

Quando eu tinha cinco anos, a Emma me disse: "Se o Stuart roer a corda, é melhor você correr, porque ele vai te perseguir, morder, matar e devorar."

Eu não queria descobrir se ela estava mentindo.

° ° °

Ainda estava muito escuro, mas a lua iluminava o suficiente para eu enxergar a estrada de terra durante a corrida. Cinco minutos depois, quando virei à direita, eu congelei.

Dei de cara com o Stuart parado no meio da estrada.

Ele deve ter finalmente mastigado sua corda e decidido esperar aqui para me atacar. (Odeio quando a Emma está certa). Ele inclinou a cabeça para trás e uivou. Eu nunca tinha ouvido o Stuart uivar antes. Na escala assustadora de 1 a 10, isso foi um 9.

Quando baixou a cabeça, ele olhou direto pra mim, rosnando.

— Senta — falei. — Stuart... senta.

Eu não sabia se ele me obedeceria, mas valeu a pena tentar.

Lentamente, comecei a andar para trás.

— Bom menino... senta... seentaaaaa...

Ele não sentou.

O Stuart disparou direto pra mim. Naquele momento, lamentei não treinar para as Olimpíadas desde os cinco anos... Nesse caso, sem dúvida eu poderia ter uma chance de escapar.

Ele se aproximava cada vez mais, e eu me virei e comecei a correr o mais rápido que pude.

— Parado! Senta! — gritei por cima do ombro. — Rola! Finge de morto!

O cão estava bem atrás de mim agora, tentando me morder. Eu podia ouvir os seus dentes estalarem toda vez que ele abocanhava o ar. O cansaço começava a tomar conta de mim, e eu sabia que não poderia continuar correndo naquela velocidade.

Por que me levantei pra correr aquela manhã? Qual o problema em ser o perdedor da aula de educação física, bufando, arfando e desmaiando numa corrida de um quilômetro e meio? Agora eu ia ser mordido por um cachorro gigante que nem sabia fazer truques de cachorro.

O Stuart me mordeu no tornozelo. Senti os seus dentes atravessando a minha meia e entrando na minha carne.

De repente, vi luzes brancas brilhando à frente.

Eram os faróis de um caminhão grande descendo a estrada, bem na nossa direção. Assustado, o Stuart fugiu para a floresta. O caminhão passou, eu parei de correr e me inclinei, com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Ao puxar a perna da calça, constatei que a

parte de trás da minha meia tinha um pouco de sangue. Baixei a meia e vi as marcas da mordida.

E se eu pegasse raiva?

Eu e a vó vimos um filme sobre um garoto que foi contaminado. Ele ficou louco e começou a babar uma espuma branca. Foi muito nojento. Eu podia me ver, no primeiro dia do ensino médio, espumando pela boca. Todos me chamariam de Boca de Bolha pelo resto da minha vida.

Agora, porém, afirmo que eu *gostaria* de ter pegado raiva. Teria sido muito melhor do que o que aconteceu em seguida.

° ° °

Encontrei a vó na varanda, fazendo ioga, quando cheguei correndo em casa.

— Vó! Você não vai acreditar no que acabou de acontecer!

Ela saiu da postura em que estava e sorriu.

— Me conta!

— Fui mordido de novo! — E baixei a meia para mostrar a ela.

— O que te mordeu desta vez?

— O Stuart!

A vó ficou *muito* brava. Eu nunca a vi tão zangada, nem mesmo assistindo aos noticiários da tevê. Ela pegou o telefone, ligou para o vizinho e começou a gritar com ele, dizendo, inclusive, algumas palavras que nunca a ouvi dizer

antes. Eu nem sabia que a vó conhecia alguns daqueles termos. Deve ter aprendido quando era hippie.

Então, a vó parou de gritar e começou a ouvir. O seu rosto lentamente foi ficando menos bravo. Depois de um tempo, ela murmurou:

— Ah, hã... bom... Desculpe, Jasper. Tchau. — A vó desligou o telefone, pigarreou e olhou para mim. — Bom... Parece que o Stuart está no veterinário fazendo uma cirurgia ocular. Então, deve ter sido o cachorro de outro bobão! Tommy, você já tomou vacina antirrábica?

Eu odeio tomar injeção.

— Hã... acho que sim... Sim. Tomei. Com certeza. Não preciso de outra. Estou bem.

A vó pegou o telefone de novo.

— Bom, só para garantir, vamos ligar pra sua mãe.

Ela contou tudo pra minha mãe e perguntou se eu já havia sido vacinado. Ao desligar, virou-se para mim.

— Bem, você e eu temos de ir para o pronto-socorro.

Antes de sairmos de casa, a vó foi à geladeira e escreveu "cachorro" na lista de coisas que tinham me mordido ou picado.

COISAS que já morderam ou picaram o Tom Marks:

Pulgas
Pernilongos
Abelha
Vespa
Borrachudo
Carrapato
Aranha
Cachorro

Eu me sentei ao lado de um garoto da minha idade na sala de espera. Ele tinha cabelo comprido, que caía no rosto, e olhava para os polegares como se fossem a coisa mais interessante do mundo. A vó, no balcão, conversava com uma enfermeira.

O menino ergueu o polegar direito.

— Cara, você não acha que parece quebrado?

Parecia normal pra mim, mas imaginei que ele quisesse que eu confirmasse a sua suspeita.

— Sim. Parece.

O garoto assentiu e se acomodou na cadeira.

— Por que você está aqui?

— Fui mordido por um cachorro. Tenho que tomar a antirrábica.

Ele sacudiu o cabelo do rosto, arregalou os olhos.

— Sério? Isso é péssimo. O meu irmão tem um amigo que tem um primo que foi mordido por um cachorro, e ele teve que tomar cinco injeções.

Cinco injeções?! Por que alguém teria que tomar cinco injeções?! Eu só fui mordido uma vez!

— Jura? — perguntei. — Você tem certeza?

— Sim! E as injeções doem muito. Eles usam, tipo, a maior agulha que você já viu, e a enfiam inteira no seu braço, e são as injeções mais dolorosas que existem.

Ele me lembrou a Emma.

Eu esperava que estivesse mentindo, ou que o primo do amigo do irmão tivesse inventado a história, ou que ele simplesmente gostasse de ir às salas de espera de

pronto-socorro para assustar as pessoas. Eu conseguia ver o Tanner Gantt fazendo isso.

— Tom Marks? — chamou a enfermeira.

Eu me levantei.

O garoto balançou a cabeça.

— Estou tão feliz por não ser você, cara...

° ° °

A médica examinou a mordida no meu tornozelo, limpou o ferimento, passou um spray com algo que ardeu e então me deu uns comprimidos.

— Isso vai te deixar um pouco sonolento — ela falou. — Você vai dormir muito bem esta noite.

Apenas uns comprimidos? Nada mais? Tranquilo. Isso eu aguento. Sabia que aquele moleque idiota estava mentindo.

— Agora, levante a manga. Vou te dar duas injeções. Depois, você precisará tomar outra em três dias; e então, outra em sete dias, e *mais uma* após duas semanas.

Cinco injeções.

O moleque não estava mentindo.

Decidi que nunca mais iria para a casa da vó.

A médica pegou A Maior Agulha do Mundo.

— Você vai sentir uma picada.

Odeio quando os médicos falam esse tipo de coisa. Sempre estão mentindo! Injeções não picam. Elas doem. Seria melhor se eles simplesmente dissessem: "Ouça, garoto, isso vai doer muito porque vou enfiar esse negócio pontudo e afiado no seu braço. Prepare-se para gritar."

Se eu fosse médico, é o que eu diria.

Arregacei a manga, virei a cabeça, fechei os olhos e cerrei os dentes. Não foi só uma picadinha. Doeu!

A médica estava lavando as mãos quando a vó se lembrou da mordida no meu pescoço.

— Mais uma coisa, doutora. Pode dar uma olhada no pescoço dele?

A médica examinou o meu pescoço e sorriu.

— Puxa, é mesmo incrível que você esteja tomando as vacinas contra a raiva.

— Por quê? — perguntei.

— Isso é uma mordida de morcego.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E
RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2021